

Identidade e memória no conto *Sangue da avó, manchando a alcatifa* de Mia Couto

Simone de Souza Braga Guerreiro¹

RESUMO

Esta pesquisa propõe um estudo crítico do conto *Sangue da avó, manchando a alcatifa* do escritor moçambicano Mia Couto e toma como pontos essenciais à análise questões que envolvem a identidade, a memória e o esquecimento. O objetivo é investigar como o conto faz uso de elementos que servem de estratégias para a construção da identidade individual, cultural e social africana. Tal pesquisa considera o conto de Mia Couto como um exemplo paradigmático na investigação dos problemas e das estratégias de representação da cultura negra, e do processo de construção e de consolidação desta cultura, que estão veiculados dentro do discurso literário. Em *Sangue da avó, manchando a alcatifa* percebe-se a formação de um sujeito africano que necessita ser consciente de sua herança tradicional e de seu lugar na sociedade. E esta consciência só se faz possível se a memória individual e coletiva for uma permanente mediadora entre o ser e o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: identidade. memória. africanidade.

ABSTRACT

This research proposes a critical study of the short story *Sangue da avó, manchando a alcatifa*, by Mozambican writer Mia Couto, and takes as essential points to the analysis questions concerning identity, memory and forgetfulness. The aim is to investigate how the story uses strategic elements to build individual, cultural and social African identity. This research considers Couto's story as a paradigmatic example in the investigation of the problems and the representation strategies of black culture, as well as the construction and consolidation process of that culture within literary writing. In *Sangue da avó, manchando a alcatifa*, one perceives the development of an African individual who needs to be conscious of his traditional heritage and his place in society. Such consciousness will only be possible if individual and social memories become a permanent mediator between the world and the human being.

KEY WORDS: identity. memory. africanity.

O conto *Sangue da avó, manchando a alcatifa* de Mia Couto inicia-se com um “bom conselho”: seguir os “improvérbios”. Sabemos que os provérbios são expressões perpetuadas pela oralidade da cultura popular e que estão presentes nas diversas esferas discursivas. Sintetizam, de modo profético, um conceito a respeito de regras sociais ou morais e que, muitas vezes, são tidos como verdades absolutas. É desta forma que Mia Couto nos oferece, nas primeiras linhas do conto, uma série de improvérbios. O caráter de desconstrução do texto é comprovado pelo intermédio do prefixo na formação do neologismo. Assim, o escritor desordena o sintático fazendo com que as sentenças proverbiais invertidas anunciem um discurso narrativo em que a identidade e a memória na sociedade moçambicana é ressignificada. A estratégia do autor privilegia as experiências acumuladas no passado representado pela tradição e que são trazidas para o presente em seu estágio de modernidade. Em *Sangue da avó, manchando a alcatifa*

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora do ISAT.

percebe-se a formação de um sujeito africano que necessita ser consciente de sua herança tradicional e de seu lugar na sociedade. E esta consciência só se faz possível se a memória individual e coletiva for uma permanente mediadora entre o ser e o mundo. É na vivência das condições descritas no conto de Mia Couto que se inicia um percurso que transforma o campo ficcional em espaço privilegiado para a encenação de uma realidade convulsionada pelo consumismo e pela globalização. *Sangue da avó, manchando a alcatifa* sinaliza para a conscientização dos valores autóctones da civilização africana e em favor de um caminho delineado pelos símbolos da africanidade.

O conto narra a chegada da avó Carolina à Maputo trazida pela família por “razões de guerra”. Fugindo da guerrilha que se espalhava pelo campo, Carolina chega à capital moçambicana. A princípio, ela se admira com o estilo de vida da família, orgulha-se das suas conquistas materiais, mas depois começa a questionar o excesso de luxo e o modo de ser dos filhos e netos. Na primeira vez que sai para ver a cidade, a avó se depara com a miséria e os pedintes que se encontram nas ruas da capital. A velha se revolta com o que vê e deseja retornar a sua aldeia. Na casa empanturrada de luxos de sua família ela se torna prisioneira das vaidades. Um lugar onde ela está “entre os parênteses dos parentes”. Ao deixar a sua aldeia no interior, a avó mergulha num espaço cativo onde percebe uma realidade cheia de interrogações. São essas interrogações que vão denunciar a perda da identidade individual e coletiva que se inserem na realidade de Maputo e de sua família. A sociedade capitalista que se instala neste momento na capital moçambicana é representada no conto através de uma série de imagens e eventos contraditórios que evidenciam a necessidade de uma reflexão sobre questões relacionadas ao pertencimento e à identidade cultural de uma comunidade.

A partir dessa experiência observamos que é no olhar e na memória da avó Carolina que se encontra a luta pela recuperação de uma cultura autóctone e legítima. A avó encarna a guardiã de um passado, aquela que traz a fonte onde jorra a essência da tradição africana. Tradição esta que sempre esteve representada pelos mais velhos.

Em *Antes de nascer o mundo*, romance também de Mia Couto, o narrador afirma: “É isso que faz o lugar: o chegar e o partir.” (COUTO, 2009, p. 156) Com essa imagem, voltemos a nossa atenção para a avó Carolina: o seu lugar, o seu chegar e o seu partir.

A história da avó Carolina é uma via privilegiada para uma reflexão sobre os processos de modernização que não corresponderam às expectativas criadas no período

pré-independência dos países africanos de expressão portuguesa. Podemos reconhecer o quanto o projeto de independência deixou seu rastro de frustração entre os que não fizeram parte das elites e que pertencem à grande massa populacional. Em *Sangue da avó, manchando a alcatifa* são acionadas estratégias representacionais em que se realizam reflexos sobre o pertencimento, memória e identidade individual e nacional.

Embora o conto não discuta questões sobre as contradições do discurso revolucionário pró-libertação de Moçambique ou algumas práticas do capitalismo multinacional, não podemos deixar de considerar o jogo das representações sociopolíticas que levaram ao conflito civil logo após a Guerra pela Independência de Moçambique. O escritor apresenta uma visão crítica em relação aos dilemas identitários de um país que começa a viver um processo de desenvolvimento econômico impactado pela globalização. Assim, observamos que as consequências geradas por esse processo criaram um ambiente perverso e desigual para um grande número de pessoas. O cenário sugere uma cidade que sofre as consequências da guerra civil e, ao mesmo tempo, parece anestesiada pela difusão de um consumismo exacerbado, seja como realidade, seja como sonho. Esse novo sentido político-social favorece novas formas de representação do sujeito em seu tempo e espaço, bem como novas coordenadas no sistema de representação individual e social. Esses aspectos ficam latentes quando observamos que a família da avó Carolina usufrui de vantagens enquanto a maioria do povo vive em condições adversas ou quando vemos os objetos de consumo supérfluo sendo extremamente valorizados pelos parentes.

Dentro deste contexto, a tradição africana é escavada e trazida à luz em seus elementos essenciais através da personagem avó Carolina. Na tradição africana os mais velhos eram considerados os guardiões da memória, representavam a base da tradição. A eles cabia zelar pela cultura do grupo. O ancião tinha a função de transmitir os conhecimentos próprios de sua gente às demais pessoas da comunidade a que pertencia. Essa herança cultural era oralmente transmitida e era de vital importância para a sustentação da identidade individual e cultural de um povo. Os velhos na tradição africana eram responsáveis por preservar a sabedoria da ancestralidade. Nesse sentido, o lugar do velho nas sociedades africanas era um lugar privilegiado. Ele era o mantenedor da memória que devia ser perpetuada de geração em geração. Essa tradição vai ser confrontada por interferências oriundas dos mecanismos de modernização introduzidas pela sociedade de consumo, principalmente no espaço citadino. Depois dos processos que levaram à Independência, muitas pessoas, inclusive os velhos, tiveram que migrar

das aldeias do interior para as cidades. E no espaço urbano, as pessoas passaram por uma forte influência de valores e hábitos muito diferentes dos vividos no interior. Na cidade os valores econômicos e sociais estavam diretamente relacionados às transformações no âmbito da globalização. Assim, a aparente modernização não permite um espaço próprio para os modos de ser e pensar; em suma, viver, ligados à tradição ancestral.

Sangue da avó, manchando a alcatifa se caracteriza por um resurgimento das expressões autenticamente africanas em meio de uma sociedade que parece desfigurada pelo processo de modernização. A capital de Moçambique representa o contexto das desigualdades sociais, a família vivencia o consumo desenfreado, esses são os sinais da ruptura trazida pela sociedade capitalista. O conto sintetiza um espaço de vozes dissonantes entre o que se apresenta como modernidade e o que persiste como herança. É sobre a relação entre a matriz africana herdada do passado e as formas sociais advindas da sociedade de consumo que se sustenta aquilo que o escritor deseja encenar.

A Carolina, que tudo observa e reflete, cabe a função de desenterrar aquilo que estava aparentemente sepultado pela sociedade massificada. O universo familiar aponta para um território sem lembranças, onde todos foram assimilados por uma comunidade de consumidores globais.

Para atender ao desejo de consumo, a família torna-se vítima e algoz das mercadorias. A avó passa a ser um peso para todos, pois é desvalorizada e impossibilitada de compartilhar experiências. À margem da família, essa mulher, que é portadora de saberes, de uma memória, de um acervo cultural, não é reconhecida como tal. Não há troca de experiências que podem se tornar um patrimônio comum, marcando as raízes e a continuidade de uma tradição que atravessa épocas. Os membros da comunidade familiar não veem e não ouvem mais a anciã, os ouvidos dos netos estão ocupados com os auscultadores, os olhos do genro estão vendados pelos óculos escuros, a filha só tem tempo para utilizar seus cremes na face e, por fim, todos só se reúnem para assistir a televisão. A avó Carolina busca seu lugar na família e não encontra. Quando deseja falar, pedem para que ela se cale. Sem um lugar de destaque e sem ter a incumbência de repassar os conhecimentos oralmente a comunidade a qual pertence. A palavra da avó Carolina e o seu lugar sofrem um abalo significativo com as mudanças introduzidas pelos projetos de modernização baseados nas relações capitalistas e globalizantes.

Ilhada na casa de seus filhos, ela se percebe vivendo num território sem lembranças. Ali a avó Carolina não encontra o seu lugar, pois este lugar não existe. No cerne de sua comunidade ela se sente ameaçada com a exclusão ou a reclusão. Ao aceitar os presentes da família, ela sai para conhecer a cidade vestida com as novas roupas e os óculos que lhe corrigem a visão. Enxergando melhor não se vê, mas vê a miséria e os pedintes, a degradação e o banimento. Com os objetos oferecidos pela família, ela se sente descaracterizada. Seu sentimento de estranheza encontra a força máxima na cena em que filhos e netos “se fechavam numa roda” assistindo à televisão. A família em volta do aparelho lhe faz lembrar o ato de contar histórias em volta da fogueira. Mas a aldeia global produzida pelas telecomunicações se distancia muito das experiências trocadas em sua comunidade. O sentimento é de estranheza, pois todos observam calados as imagens da tela que, certamente, representam a cultura supérflua produzida pela indústria midiática moderna. Ao referenciar o ato de contar histórias em volta da fogueira, a avó se recorda dos elementos da tradição oral, a herança dos conhecimentos de toda espécie que são pacientemente transmitidos de geração a geração. Essa herança ancestral é ameaçada por uma sociedade desagregadora. O conto simboliza uma forma de resgatar as tradições e trazê-las para o universo das relações familiares, de perpetuar ensinamentos fundamentais sobre a história, a cultura e os valores sociais que dão sentido à sociedade.

É no universo de relações familiares que se percebe um sentimento de perda da tradição africana. Mas é através da avó que surge a possibilidade de se desenterrar a ancestralidade e preencher o vazio de uma sociedade sem identidade. A imagem da fogueira “arredondando corações” assinala a necessidade de se rememorar as histórias, os costumes e as tradições como um modo eficaz de resistir ao processo massificador da modernização e à assimilação cultural que, de maneira coercitiva, afastam os povos de sua identidade.

A partir da cena da visita à cidade, onde ela constata a realidade cruel em que vive o povo, a avó volta para a casa, despe-se da roupa nova dada pela filha, tira de sua mala as roupas tradicionais africanas, veste-se com a capulana e cobre os cabelos com o lenço estampado. Tal gesto marca sua resistência à sociedade moderna que desvaloriza os costumes antigos. Agora, a avó revigora-se e recupera sua voz, não consegue mais aceitar passivamente as transformações que desenraizaram sua comunidade. A opressão cresce e, ao encontrar a família reunida na sala em volta do aparelho de televisão que noticia coisas sobre a guerrilha, ela se indigna e, num ímpeto, destrói a televisão com

sua bengala. O aparelho é estilhaçado na frente de todos, que, estupefatos, encaram a avó, que varre os cacos e os coloca num saco plástico. Deste saco pingam gotas de sangue que mancham o tapete. A avó retorna a sua aldeia e a família volta a sua rotina, adquire um novo aparelho de televisão, e quando recordam da avó ainda ironizam festejando a sua insanidade. No entanto, o sangue que mancha o tapete e o solo torna-se irremovível. Sangue ancestral, único, e que não desaparece. Numa sociedade de consumo de coisas altamente perecíveis este sangue simboliza a necessidade de se refazer a história a partir da matriz africana. Por seu intermédio a cultura africana se expressa metaforicamente. A família recorre ao feiticeiro para explicar uma situação que subverte e desestabiliza os valores da realidade. Ao romper as fronteiras do real o fantástico africano se instala. O sangue que mancha a alcatifa, segundo a cultura da “ciência do feiticeiro” não terminava, crescia com os tempos, transitando de gota para o rio, de rio para oceano. Este sangue reflete o valor sagrado de um povo, o poder do fenómeno anímico que deseja chamar a atenção para a perda das raízes africanas na sociedade capitalista. A mancha de sangue não era de uma única pessoa, mas de uma coletividade que busca a representação da identidade do *eu africano* perante um *outro* inserido no sistema capitalista moderno, dentro de uma realidade própria como é a realidade moçambicana pós-colonial. Neste sentido, o sangue da avó é muito mais do que um recurso insólito como estratégia de enfrentamento do real, este sangue representa a presentificação do passado, o fazer falar aquilo que parecia calado, a recuperação de uma concepção de mundo, de morte e de vida, a favor de um caminho delineado pelos símbolos da africanidade e da busca da identidade negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Mia. Sangue da avó, manchando a alcatifa. In: **Cronicando**. Lisboa: Caminho, 1993.

_____. **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Velho e velhice nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: **Literaturas africanas de Língua Portuguesa: Percursos da memória e outros trânsitos**. 1. ed. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2000.

HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.